

Hamlet:
Ser ou não ser?
Só Freud
explica

CPMTRATP M° 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

DF

LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV Nº 35 / 38
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



O Poeta da Vila

Sessenta anos
sem a poesia de Noel

Notícia Geral,
*duzentos anos
de
história de
Goiás*

Entrevista:
*José Godoy
Garcia, 50 anos
de literatura*

Autores de Brasília? Jogam um bolão!

□ **Luiz Manzollilo**

Correspondente do *DF Letras* em Miami (EUA)

Três assuntos literários se me embaralham e quero coarctá-los em poucas laudas. Vejo o nº 31/34 do *DF Letras*, o primeiro "reformado" que me chega, e insopito o entusiasmo pela nova feição e conteúdo. Ao final da leitura ávida, o lamento pelas exíguas 36 páginas (ué, acabou?). Loas aos que o fazem, ao deputado Luiz Estevão e a toda a Câmara Legislativa pela benfazeja ponta-de-lança literária no ancestral festival de incultura que assola o país. Prolifere o exemplo, nossas letras precisam e merecem tribunas desse jaez.

Dentre tanta matéria de qualidade, como a sensível crônica de Luiz Adolfo Pinheiro **A Esplanada dos Mistérios** e o belo encarte **DF Resenha**, fico com o artigo de José Hélder de Souza, **A Videocultura e o Mandarinato**, pela sua importância no panorama das letras. Além de deitar farta informação, não fosse o autor um competente jornalista, traz à luz o debate em torno do futuro do livro. Destacam-se ali duas abordagens: a afirmação de mestre Antonio Houaiss, em entrevista que já conhecia, de que, "nós vamos saindo de uma sociedade ágrafa para outra sociedade ágrafa: uma que não chegou a consumir o livro para uma que vai dispensar o livro." Aduzo que

a atualmente ágrafa é a sociedade que não foi, nem é, educada para ler, enquanto a ágrafa adventista é a já avassalada pelos meios eletrônicos de comunicação.

Sobre a competição entre o livro e o K7, traz Hélder que, enquanto foram vendidos 2,2 milhões de cópias eletrônicas (1992), a venda de livros andou pelos R\$ 100 mil. É triste. É muito pouco. É um tico mais do que no Império. Mesmo que, de 92 para cá, tenha quadruplicado, continua um tico. Cultivando o vício do otimismo, vi que foi bom o autor concluir, com Moacyr Scliar, que a literatura há de sobreviver. Cita, inclusive, fontes americanas afirmando que também nos Estados Unidos o livro é, cada vez mais, derrubado pela televisão.

Tanto isso é verdade que o problema foi rastreado na Casa Branca pelos assessores intelectuais da *light left* democrata. Com uma diferença: nos domínios do *Uncle Sam* a reação costuma ser pronta: Bill Clinton, entre o primeiro e o segundo mandatos, lançou um programa de reincentivo à leitura, da ordem de US\$ 3 bilhões. Já em execução. Surpreendente é que a venda de livros nos EUA deve andar pela casa dos US\$ 8 bi/ano, o que, em contraste com o ridículo mercado brasileiro, pode significar centenas de milhões de exemplares. Acresce, como fenômeno típico americano, que Nova York é a cidade em que mais se vê televisão e mais se lê no mundo. Aliás, penso, não será por



essa bitola de trem da roça que o Brasil não alcançou ainda as graças do Nobel das letras? Os Amado, Cabral, Lobato, Lygia, Drummond, Graciliano, Callado, Rosa, não mereceriam? Ainda a questão do mercado: agentes e editores locais, ante um escritor terceirista pretendente ao "supermercado" (no sentido próprio e no metafórico), querem saber, para que lhe abram as portas, quantas cópias já vendeu e quanto faturou no país de origem. Dura explicar como, num país de



tamanho PIB, o mercado é tão exiguo e as tiragens tão minguadas.

O que há a destacar, na comparação entre o maior mercado do mundo e um dos piores - o brasileiro -, inferior ao México, Cuba, Chile, Argentina, Peru e Colômbia, são as diferenças gritantes, algumas das quais seriam corrigidas de pronto, houvesse uma vigorosa intenção *faciendi*. Como disse em entrevista ao **DF Letras**, povo que não lê está sempre à beira da alienação. Até a camada culta padece do vezo agráfico: em reunião do PSB/DF, indaguei quem já havia lido Lênin: só o Abreu levantou o braço. O que ocorre nos EUA? Educação para o livro: o martelar dos professores e a massa de propaganda nos EUA, independente da ação de Clinton, são percucientes - os meios de comunicação, inclusive os eletrônicos, abrem, de fato, espaço para autores e livros, como no show da Oprah Winfrey e no About Books, no New York Times, no USA Today e no The Miami Herald. Custos menores: em função das elevadas tiragens e do

papel mais barato, por mais leve que seja o brasileiro, o reflexo incide no custo do transporte. Investimentos maciços, pacientes: o retorno é lento em matéria de livros. Intercâmbio comercial: entre as editoras universitárias e as bibliotecas, subsídio notável para as edições *hard cover* (em 94, pesquisadora americana foi à Thesaurus e, pasmem, comprou livros meus e de outros para a Biblioteca do Congresso, a maior do mundo). Marcante queda do preço de capa nos *paper back*: filosofia que é a grande tônica da economia de escala do Primeiro Mundo, com ênfase nos EUA: produzir muito para vender barato.

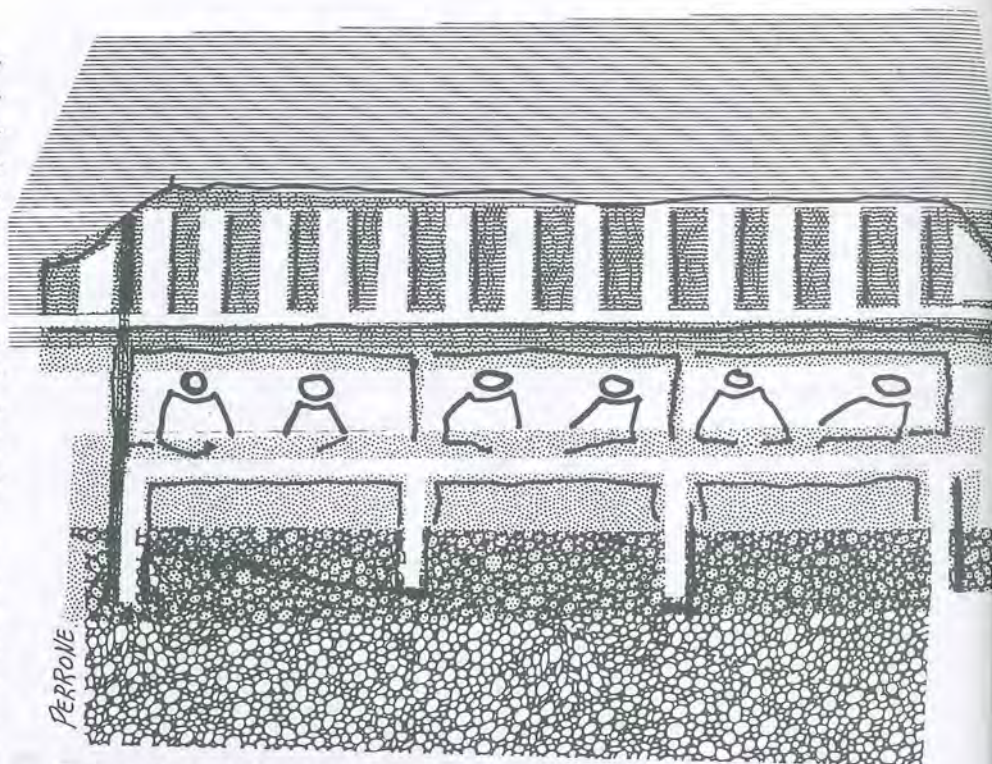
Lógico que a renda influi, o iaque ganha 8/10 vezes mais que o brasileiro e nós não vamos concorrer em nada enquanto tivermos salários tão vis. Mas a educação é primordial. Última Feira Internacional do Livro de Brasília, um livreiro de Cuba me contou que, a despeito do embargo e da penúria do seu povo, nos lançamentos literários (é bem verdade que a

preços subsidiados) ocorrem filas imensas. A questão é que o cubano, ao contrário do brasileiro, é educado para a leitura, privando-se de uns *frijoles* mais condimentados ou de umas baforadas charuteiras para ter um livro, enquanto o brasileiro, embora se queixando da baixa renda, não dispensa uma pizza familiar para comprar uma boa obra. No entanto, patricios ilustradíssimos alertaram que devíamos ter "Livros! Livros às mancheias!" e que

"Uma nação se faz com homens e livros".

Mui a propósito - eis o terceiro assunto -, sou sabedor que se reacende uma polêmica na Capital Federal: a de que, na visão de certos críticos, Brasília não possui boa e significativa literatura. Ora, proporcionalmente à idade e à população, o DF tem o maior número de prêmios literários concedidos pelos mais conspícuos sodalícios, pelas grandes marcas. Anderson Braga Horta é, talvez, o campeão nacional de prêmios, o Ronaldinho da poesia. Alan Viggiano já abiscoitou três da Academia Brasileira de Letras (nem sei porque os dois já não envergaram o fardão). Almeida Fischer teve dois, igual número de Antonio Carlos Osório e J. Geraldo. Luiz Adolfo recebeu o mesmo que o articulista, o Afonso Arinos. Napoleão, Cotrim, Santiago, Cazarré, Cassiano, Taveira, Yone e J. Alcides não ficaram atrás. Pertencem, ou pertenceram, à ABL Sarney, Villaça e Carlos Castello Branco, não entrando JK por birra da ditadura.

De outro lado, queixam-se os escritores da pouca divulgação, das raras resenhas (Cassiano Nunes e Décio de Almeida Prado assinalam que a crítica sumiu). Jornalista amigo, cujo nome me dispense citar, afirmou-me certa vez que, para entrar na *media*, havia que ser editado por uma grande editora. Foi realista: de fato, em certos periódicos, a porta da seção cultural é a do departamento comercial. A realidade é que, seguindo a toada brasileira, não temos ainda no DF um bom mercado, o que poderá ser corrigido com três fatores: a reabertura dos espaços da *media* ao beletismo; o advento, já em curso, da cooperativa distribuidora do Pólo Editorial (que já monta um bom marketing), à qual aderiram maciçamente as editoras do DF, e a maior circulação de revistas como o **DF Letras**. O mercado gaúcho fez coisa parecida e hoje logra esgotar muitas edições em suas guapas fronteiras.



Quanto à qualidade, que alguns desdenham, sou suspeito para bancar o advogado de defesa em causa própria. Mas figuremos que, fossem as letras como os esportes, numa olimpíada nacional a Brasília literária concorresse no futebol e no vôlei. Com Heliodoro na chefia geral (Cristovam presidente honorário), Ligório e Danilo jornalistas, Rossi supervisor e Oswaldino e José Geraldo técnicos, além de Lenine, Abel, Nilto, Adirson, Sarney, Osório, Jobim,

Zé Aparecido, Passarinho, Leão e Áureo como dirigentes/representantes; e os jogadores Emanuel e Alan (goleiros), na linha Santiago, Cassiano, Luiz Adolfo, Villaça, Jacinto, Estellita, Kothe, Zé Maria, J. Alcides, Lustosa, Cazarré, Wilson, Nedel, Pessek, Viriato, Zé Hélder, Taveira, Joanyr, Napoleão e Anderson (este como capitão), além de Heitor Martins e este que lhes fala como "espíões" internacionais, esse time precisava ter medo de alguém? Auto-excluindo-me, reconheça-se que estilo, linguagem, densidade conteudística não faltariam.

No vôlei feminino, Branca e Léa Sayão como técnicas, e as estrelas Aglaia, Regina Stella, Kori, Marly, Sofia, Patriota, Hilda, Zita, Marlene, Yone, Astrid e Terezy, não seria pras cabeças? Mais: embora saudosamente no espaço, Beltrão, Miketen, Bandeira, Yolanda, JK, Esmerino, Olympiades, Berecil, Castellinho e Fischer não seriam excelentes anjos de guarda conselheiros? Mas o público, que lê e julga do seu senso estético, melhor diria, com certeza exclamando: mas jogam um bolão!

Luiz Manzolillo, escritor, poeta e crítico literário, reside atualmente em Miami.

